

Conclusão

Versando sobre as obras freudiana e winnicottiana, a presente dissertação procurou estudar o tema da criatividade e suas implicações no psiquismo humano. Como foi visto, essas obras vislumbram o assunto de forma importante e diversa.

Concluimos que a criatividade, como qualquer outro processo psíquico (tanto seu funcionamento como estruturação), pode ser pensado em termos defensivos; vimos que não existe nada de mais natural no ser humano do que defender-se contra o desprazer e contra os excessos de energia internos ou externos e, em última instância contra o movimento natural da pulsão. Ao ampliar a noção de sublimação, concluimos que ela se estende às mais variadas formas de renúncia à satisfação pulsional. Vimos que a sublimação obriga às constantes mudanças objetais, procurando satisfazer Eros.

No decurso, ampliamos a noção de sublimação não somente para os atos criativos, mas estendemos essa noção a todas e quaisquer renúncias de satisfação pulsional. Analisamos o caráter destrutivo que a sublimação pode assumir, com risco de transbordamento pulsional. Winnicott, em contraposição, afirma a importância da agressividade para a separação psíquica eu/não-eu.

A concepção da defesa tornou-se inerente ao processo criativo, tanto pela formação psíquica como sublimatória. Assim sendo, pesquisou-se na obra freudiana aspectos que corroboram tal raciocínio, montando um arcabouço teórico que sustente o pressuposto defensivo, embora saibamos que esta é uma concepção possível sobre criatividade, não a única, e muito menos aquela que esgota o assunto.

Ao recusar o aspecto conflitivo humano, Winnicott aponta para uma ruptura teórico-clínica de vasta amplitude. Ao divergir sobre o conflito psíquico, retroativamente, estamos divergindo do modelo defensivo freudiano. Pois, como havíamos estudado a formação defensiva pulsional – produzida na normalidade ou patologia - procura eliminar a descompensação afetiva, ocasionada por conflitos psíquicos.

Esse processo como vimos é fadado ao fracasso, decorrente do próprio movimento pulsional e, por conseguinte, obriga a constantes e incessantes

inovações defensivas – a isso, Freud, e posteriormente, a tantos outros autores herdeiros teóricos, descrevem como sendo o processo criativo.

Portanto, Winnicott ao asseverar seu enfoque criativo fora do âmbito conflitivo, contraria radicalmente toda essa lógica. Anuncia, portanto, outro prisma contemplativo da experiência, a saber: o “viver criativo”.

Para ele, como bem vimos no início da vida psíquica, estaria o estado indiferenciado, onde ainda não existe ambiente, nem não-eu, nem outro. Nesse estado é atribuído a condição humana saudável destituída de defesas.

Procuramos examinar o estado indiferenciado no início da vida psíquica humana. Nesse estado, tudo que é criado é sentido como sendo próprios ao bebê. Ao estudar o ambiente, vimos que ele somente passa a existir enquanto entidade quando já existe minimamente uma separação entre sujeito e objeto estabelecida.

Ao dar prosseguimento a nossos estudos, Winnicott se destacou como autor que elabora a criatividade como proposição universal inerente a todo indivíduo saudável. Distinguimos o “Viver Criativo” do viver propriamente; para isso, construímos alicerces ambientais que sustentam a saudável formação psíquica do recém-nascido. No cerne do viver criativo examinamos a presença do estado de não-integração primária, área amorfa da experiência subjetiva, onde ainda não há intencionalidade, nem conexão, nele simplesmente podemos admitir a consistência da experiência. Nesse momento “cósmico” da existência humana onde ainda não há conexão, onde a dificuldade descritiva se impõe, nos lembramos de um trecho de metafísica sobre a precedência da criação do Universo.

Mas então: de onde vem essa colossal quantidade de energia na origem do *big bang*? Tenho a intuição de que aquilo que se esconde por trás do ‘limite de Planck’ é bem uma forma de energia primordial, de uma potência ilimitada. Creio que antes da Criação reina uma duração infinita. Um Tempo Total, inesgotável, que ainda não foi aberto, dividido em passado, presente e futuro (Físico Jean Guitton, Deus e a Ciência, 1992: 33)

Essa potência ilimitada do Universo pode ser facilmente comparada com a criatividade potencial, imanente do bebê e a referência ao tempo total se assemelha a esse tempo da experiência onde ainda não existe compreensão dos

acontecimentos, somente a consistência sensitiva da experiência que, por sua vez, serve de veio motor da formação psíquica.

No momento posterior da experiência psíquica, a ilusão onipotente se dá e com ela o controle mágico sobre os objetos na concepção do bebê. A passagem da ilusão onipotente para a criatividade primária tornou-se importante material de estudo. Na criatividade primária, já haveria uma previsão do seio pelo bebê.

Através dessas experiências subjetivas – e daí a importância dos objetos subjetivos – que o bebê pode aperceber o mundo criativamente. Ou seja, pode ver-se a si mesmo pelo olhar materno. Por outras palavras ainda, nas sucessivas relações com os objetos subjetivamente percebidos é que o bebê pode vir a ter a “experiência de ser”. Dessa forma, concluímos que o “estar vivo” é talvez a consideração winnicottiana mais poética sobre a existência humana e fundamental na constituição psíquica. A partir da experiência de ser que averiguamos o advento da organização e integração psíquica.

Depois, distinguimos o impulso criativo do viver criativo. Assim sendo, fez-se necessário observar exemplos valiosos de fragilidade egóica. Sobre esse aspecto, concluímos que o indivíduo que produz algo artístico, com intuito de integração de um ego primitivo, está fadado ao fracasso; o viver criativo não se propõe a corrigir carências do sentimento de self.

Assim sendo, chegamos à dinâmica transicional, momento em que o bebê transita num mundo intermediário da experiência. Nesse ponto precário, em que os objetos não são nem subjetiva, nem objetivamente percebido, entre o incentivo ambiental e seus empecilhos, entre a ausência e presença é que se instaura a capacidade para a brincadeira.

Por fim, procuramos interagir ludicamente com a brincadeira no contexto da experiência cultural.

Vimos que o brincar enriquece o tema da sublimação, devendo ser estudado como um tema em si mesmo, não se atendo somente ao conteúdo que dele nos fornece. Ao brincar, a criança está comunicando muito mais do que poderia verbalmente; em seu lugar próprio, estaria na intersecção entre o mundo interno e externo, nem faz parte da criança, nem está fora de seus controles mágico. “Para controlar o que está fora, há que fazer coisas, não simplesmente pensar ou desejar” (Winnicott, 1975: 75). Vimos que o brincar é fazer e para

fazer há dispêndio de tempo, ele facilita o crescimento, promove a saúde e conduz aos relacionamentos de grupo.

Estudamos o “viver criativo” como proposição universal do sujeito em direção à saúde, inclinando-se de maneira saudável para algo que realiza deliberadamente. É nesse contexto que se privilegiou a concepção de criatividade desenvolvida na obra winnicottiana, estabelecendo uma comparação entre essas duas acepções, ou mesmo traçando um contraponto à teoria freudiana.

O princípio de prazer e o princípio de realidade são vistos por Winnicott como uma passagem problemática; ele procura, em seu lugar, estabelecer a “terceira área”, a área intermediária da experiência, e junto a ela, podemos ver a crescente passagem para um princípio de realidade, ou seja, um princípio onde os objetos objetivamente percebidos são acessíveis. Sobre esse tema, Milner magistralmente nos brinda com essa passagem, servindo como encerramento de nossos estudos.

Os momentos em que o poeta original dentro de nós criou o mundo externo, descobrindo o familiar no não familiar, são talvez esquecidos pela maioria das pessoas ou permanecem guardados em algum lugar secreto da memória, porque se assemelham muito a visitas de deuses, para que sejam mesclados com o pensamento cotidiano. (Milner, 1957 in. Winnicott, 1975: 60)